

Vozes de Mariana à Luz de Chernobyl

*Felipe Coimbra Moretti*¹

*Victor J. Luz*²

Resumo: Acreditamos, assim como Anthony Giddens (1991, 2010) e Ulrich Beck (1992), que a pós-modernidade cria um ambiente totalmente novo ao ser humano. Faz-se presente, nesse novo tipo de sociedade, riscos de tipo moderno. Estes são globalizados e produtos dos desenvolvimentos técnico-científicos e muitas vezes são produtores de desastres tecnológicos advindos de crime. Defendemos que, observando a forma como são relatados e registrados na história os fatos da vida de um cidadão comum atingido por um desastre tecnológico advindo de um crime, analisamos formas de vida que foram alteradas profundamente pelo desenrolar de um risco criado pela modernidade. Usamos como objeto de nossa pesquisa os desastres de Chernobyl e Mariana. Buscamos, através das duas obras, compreender o valor que os relatos têm em registrar a vida dos indivíduos atingidos por tais crimes. Para tanto, traçamos um paralelo entre a série jornalística “Vozes de Mariana”, veiculada no Jornal Estado de Minas e o livro da autora bielorrussa, Svetlana Aleksievitch, ganhadora do prêmio Nobel de literatura em 2015. Analisamos a partir desse paralelo entre Chernobyl e Mariana qual o valor dos relatos pessoais nas narrativas dominantes do mundo moderno bem como qual seu valor sociológico e historiográfico.

Palavras chave: Pós-modernidade. Catástrofe. Mariana. Chernobyl.

Voices of Mariana in the Light of Chernobyl

Abstract: We believe, like Anthony Giddens (1991, 2010) and Ulrich Beck (1992), that postmodernity creates a totally new environment for the human being. In this

¹ Mestrado em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ; Doutorado em andamento em Antropologia e História, University of Michigan, EUA. fmoretti@umich.edu.

² Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília - UnB; Mestrado em andamento em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília - UnB. victorjluz@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6405-7538>.

new type of society, risks that were previously objects of science fiction or novels that prophesied the modern world are now reality. By observing how the facts of life of an ordinary citizen hit by a catastrophe are reported and recorded in history, we analyze ways of life that have been profoundly altered by the unfolding of one of these risks created by modernity and, therefore, affected by them. For that, we used as object of our research the Chernobyl and Mariana catastrophes, both fruits of an industrial project. Thus, we seek to understand the value that journalistic reports have in telling us a more faithful and complete story about the citizens and how they are classified as Brazilians. We believe that the way the affected lives are counted and subsequently recorded makes a difference. Therefore, we draw a parallel between the journalistic series "Vozes de Mariana", published in "Jornal Estado de Minas", and the book by the Belarusian author, Svetlana Aleksievitch, winner of the Nobel Prize for Literature in 2015. Based on this contrast, we analyze the value of personal accounts in the dominant narratives of the modern world as well as their sociological and historiographical value and how they shape the Brazilian meaning of citizenship.

Keywords: Postmodernity. Catastrophe. Mariana. Chernobyl.

Voces de Mariana a la luz de Chernóbil

Resumen: Creemos, como Anthony Giddens (1991, 2010) y Ulrich Beck (1992), que la posmodernidad crea un entorno totalmente nuevo para el ser humano. En este nuevo tipo de sociedad, riesgos que antes eran objeto de ciencia ficción o novelas que profetizaban el mundo moderno ahora son realidad. Al observar cómo los hechos de vida de un ciudadano común golpeado por una catástrofe son relatados y registrados en la historia, analizamos modos de vida que han sido profundamente alterados por el desenvolvimiento de uno de estos riesgos creados por la modernidad y, por tanto, afectados por ella. Para ello, tomamos como objeto de nuestra investigación las catástrofes de Chernobyl y Mariana, ambas fruto de un proyecto industrial. Así, buscamos comprender el valor que tienen los reportajes periodísticos al contarnos una historia más fiel y completa sobre los ciudadanos y cómo son clasificados como brasileños. Creemos que la forma en que se cuentan las vidas afectadas y posteriormente se registran marca la diferencia. Por lo tanto, trazamos un paralelo entre la serie periodística "Vozes de Mariana", publicada en el "Jornal Estado de Minas", y el libro de la autora bielorrusa Svetlana Aleksievitch, ganadora del Premio Nobel de Literatura en 2015. A partir de este contraste, analizamos el valor de los relatos personales en las narrativas dominantes del mundo moderno, así como su valor sociológico e historiográfico y cómo moldean el sentido brasileño de ciudadanía.

Palabras clave: Posmodernidad. Catástrofe. Mariana. Chernobyl.

Introdução

Como sugere Pina-Cabral (2018), a vida e, junto com ela, as vidas (Fassin, 2016), são cada vez mais um objeto de pesquisa levado a sério pelos cientistas sociais. As vidas humanas³ agora são tomadas como força revitalizadora para duas disciplinas (sociologia e antropologia) que longamente têm sofrido a incerteza existencial de não terem objeto próprio de análise ((FASSIN, 2014). Dentro de tantas outras viradas, virar-se à vida, *turning to life*, parece um movimento sadio para descer das abstrações ao chão dos “indivíduos reais” (FASSIN, 2014). Ao mesmo tempo, a nossa época é marcada por movimentos históricos que, de tão colossais que parecem, ameaçam o olhar que agora direciona sua atenção à vida cotidiana. A mudança climática (BECK, 1992), por exemplo, não nos obriga a esquecer dos indivíduos e redirecionar a nossa análise aos “grandes temas”⁴ que historicamente preocuparam as ciências sociais? Neste sentido, quando se trata da elevação dos mares e do colapso ecológico, o individual parece quase uma afronta aos grandes riscos civilizacionais.

Mas não necessariamente somos obrigados a tomar uma posição marcada, que mais uma vez revitaliza a dicotomia ossificada entre o macro- e o micro-. Há locais, ou eventos, onde o enorme e o pequeno se encontram. A catástrofe ambiental ocasionada por desastres tecnológicos advindos de crimes, por exemplo, parece ser o sítio onde os “grandes processos” chocam-se com as “pequenas vozes”, que sofrem suas consequências. Paralelamente, é o mesmo sítio onde se encontram, intelectualmente, a sociologia da

³ “As formas de vida humana” não se referem à um conceito fechado que enquadra as vidas humanas em categorias, e sim uma forma de escrita que considera que a vida humana não é homogênea e, portanto, apresenta qualidades distintas definidas por vários fatores, sejam eles econômicos, políticos, sociais ou biológicos. Sendo assim, no presente trabalho é utilizado “Vidas Humanas”, em sua forma plural, e não “Vida Humana”, no singular.

⁴ Alguns exemplos de grandes temas são: Indivíduo e Sociedade, Ação e Estrutura, etc.

memória (RICŒUR, 2007; LE GOFF, 2013) da globalização (BECK, 1992; GIDDENS, 1991; GIDDENS, 2010), da ciência (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU, 2008; COLLINS E EVANS, 2016; FEYER-ABEND, 2016) com a antropologia da vida (DAS, 2007; FASSIN, 2014; FASSIN 2016; PETRYNA, 2013; PINA-CABRAL, 2018). Na pós-modernidade, onde o desastre é tema de reflexão tanto “ampla” quanto acadêmica (DANOWSKIS E VIVEIROS DE CASTRO, 2014), somos obrigados a levar em conta a complexidade que marca tanto a vivência empírica do desastre quanto às metodologias utilizadas para analisá-lo.

Este artigo busca explorar os desastres tecnológicos advindos de crimes através da análise de duas obras que narram situações em que o risco (BECK, 1992) se concretizou, *Vozes de Chernobyl* e *Vozes de Mariana*. Realizamos a presente análise através das categorias de risco presentes no conceito de “terceira modernidade” (Beck, 1992). Estas categorias nos são úteis uma vez que a análise de Beck (1992) decorre no mesmo espaço cronológico onde se dão os relatos dos desastres aqui apresentados.

Vozes de Chernobyl, livro da jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch (2016) reúne relatos de sobreviventes do desastre nuclear na usina soviética de Chernobyl, ocorrido em abril de 1986.

Vozes de Mariana (Estado de Minas, s. d.), insere-se na sequência do rompimento da barragem de rejeitos de minério em Mariana no ano de 2015. “Vozes de Mariana” é uma série de relatos filmados e publicados na Internet pelo jornal belo-horizontino *Estado de Minas* explicitamente baseado em *Vozes de Chernobyl*.

Ambas as obras defendem que a única maneira de compreender um desastre tecnológico advindo de um crime é perseguir os pequenos detalhes do modo de viver que nela se perderam. Neste sentido, quais são os detalhes no modo de viver dos sobreviventes de Mariana que nos remetem a essa tragédia no passado? Qual é seu modo de narrar o antes e o depois do crime?

Sabendo que o ofício de colecionar os relatos de desastre tecnológico advindo de um crime não é um trabalho neutro, argumentamos que a proximidade discursiva entre *Vozes de Chernobyl* e “Vozes de Mariana” pode ser um terreno fértil

para iniciar uma investigação sociológica que almeja elucidar a humanidade de uma catástrofe e, para além dela, a forma como são construídas as narrativas que compõem o imaginário social acerca das mesmas.

1) Questões pertinentes sobre a modernidade

O ser humano habita um mundo que, por sua influência direta, está em constante transformação. É cada vez mais comum que o ser humano, com auxílio das ferramentas fornecidas pelos avanços técnico-científicos, transpasse as fronteiras entre o que é de fato natural e o que é um tipo de natural humanamente construído (LATOUR, 1991).

Antes do desenvolvimento do pensamento científico, quando desejava-se compreender uma situação atípica (uma enchente, um terremoto, uma praga), buscava-se uma maneira de responsabilizar as divindades ou a “natureza da natureza”, sem buscar explicações científicas. As catástrofes, portanto, eram fenômenos espiritualmente compreendidos.

Com o desenvolvimento das ciências o ser humano desenvolve capacidades analíticas e tecnológicas que não existiam anteriormente. Os riscos (BECK, 1992) passam a ter uma “simultânea construção científica e social” (Beck, 2011) e desenvolvem, assim, características historicamente inéditas. Muda-se profundamente as raízes do raciocínio humano, inclusive acerca dos medos relacionados a estes desastres tecnológicos advindos de crime.

As criações científicas têm sempre efeitos colaterais: é possível pensarmos que o avanço das tecnologias e o aumento da expectativa de vida implica no surgimento de novas doenças que até então não tinham tempo suficiente para existir, como o alzheimer que tende a manifestar-se a partir dos 60 anos mas potencializa seu alcance nas pessoas com mais de 80 (ABREU, FORLENZA E BARROS, 2005), ou que não existiam as ferramentas necessárias para seu diagnóstico, como o câncer.

Nem procuramos dizer que uma sociedade que não tem os meios para detectar um câncer não tenha sua parcela da população

atingida por essa doença, mas sim que, em um ambiente onde não se leva em conta a ameaça, não existe o risco do câncer. Podemos pensar então nas doenças como uma “invenção moderna”. No momento em que passam a ser uma ameaça, passam a ser um risco a ser enfrentado e, portanto, uma realidade. Não queremos dizer aqui que essas doenças não existiam anteriormente mas que, a partir do desenvolvimento das condições necessárias para sua detecção, criou-se a realidade da doença.

Devemos, em parte, ao trabalho de Virilio (2008) esta percepção. O desastre tecnológico advindo de um crime não é apenas um acontecimento relativo à substância de uma tecnologia determinada, mas da sua mesma substância. “A invenção da máquina a vapor e da locomotiva foi a invenção dos descarrilamentos. A invenção da rodovia foi a invenção de trezentos carros colidindo em cinco minutos. A invenção do avião foi a invenção da queda do avião” (VIRILIO, 2008, p. 46)⁵.

Estendendo em amplitude esta metáfora, o desastre ambiental não é um acidente aterrorizador, mas apenas uma possibilidade latente que surge com a invenção da barragem, da usina nuclear. A vida no chão parece confirmar esta hipótese: o que surgiu depois do desastre da Samarco-Vale-BHP para seus moradores não era apenas uma pergunta do “e se?”, mas do “quando?”. Não se trata de um pessimismo tecnológico mas a compreensão de que o risco tecnológico não só se manifesta graças às condições de vida moderna, mas também lhe é consubstancial.

O risco é amplo: representa uma ameaça não só local, mas também mundial. Assim, além dele ser temporalmente estabelecido (do momento da invenção ao risco), como é o foco do estudo de Virilio (2008), ele é espacial, estabelecendo uma geografia própria que ignora fronteiras, sejam elas nacionais, éticas, demográficas ou culturais (BECK, 1992).

⁵ “The invention of the steam engine and the locomotive was the invention of derailments. The invention of the highway was the invention of three hundred cars colliding in five minutes. The invention of the airplane was the invention of the plane crash” (VIRILIO, 2008, p. 46).

Um claro exemplo é o desastre de Chernobyl, cuja pluma radioativa em alguns dias já passava por cima de território japonês e estadunidense. Esta globalização do desastre levanta a questão de quem teria “responsabilidade” pelos danos, resultados dos desastres. A nuvem que rapidamente se alastrou de uma pequena cidade na fronteira entre a Bielorrússia e a Ucrânia para cobrir continentes inteiros revelou um regime tecnológico onde espaço e tempo estão comprimidos (GIDDENS, 2010). Assim também o faz a avalanche de lama contaminada que a barragem liberou e que afetou não só o município que arrecada com essa exploração mas os outros territórios contíguos e os territórios contíguos aos territórios contíguos. Afetaram, assim, grandes áreas que transpassam fronteiras pré estabelecidas (no caso de Chernobyl fronteiras nacionais e Mariana, fronteiras municipais e estaduais).

A ciência cria uma posição delicada em relação à política e à economia: ao mesmo tempo em que beneficia as tomadas de decisões daqueles que têm acesso aos dados científicos - graças à coleta de dados e sistematização das informações - também cria riscos constantes nas vidas das pessoas. Essas pessoas passam a ter de levar em conta, por exemplo, ao optar por um material de construção como o amianto, argumentos com os quais têm pouca intimidade e quase nenhum contato mas que representam um risco direto em suas vidas. Mas, muito distinto do amianto em uma decisão pessoal, as barragens afetam pessoas que não foram consultadas

São, assim, problemas que escapam de suas capacidades cognitivas usuais tradicionais. Por valer-se predominantemente da linguagem escrita, a ciência opõe-se às formas de pensamento que até então valiam-se da oralidade para sua manutenção, comumente utilizada pelos povos tradicionais que são as principais vítimas destes crimes. Produz, a partir disso, inseguranças constantes.

Uma pessoa que deseja compreender o alimento que consume deve ter um conhecimento básico sobre química para entender quais os ingredientes utilizados e ser capaz de escolher o alimento mais adequado à sua dieta. A compreensão sobre as formas de funcionamento do conhecimento humano faz-se

fundamental (uma vez que o conhecimento torna-se necessário na tomada de decisões cotidianas aparentemente simples, como a escolha de um alimento, as pessoas envolvidas diretamente nos crimes ligados às barragens nem tem a possibilidade de escolha quanto aos riscos ligados à mesma).

Ao surgir a necessidade de um diálogo entre a comunidade científica responsável pela solução e a comunidade civil cobradora das soluções surgiu um impasse na medida em que a comunidade científica se demonstrou incapaz de dialogar com a comunidade civil. A terceira modernidade, como foi classificada a pós-modernidade por Beck (1992), cria a necessidade que seus habitantes tenham conhecimento para dominar práticas íntimas e cotidianas, como por exemplo a alimentação baseada em produtos industrializados e distantes das formas naturais que estes produtos procuram emular.

O avanço industrial levou ao avanço de seus produtos. Ampliou-se a necessidade material que a humanidade tem. Se antes as famílias mal iluminavam suas casas de noite, passam agora suas madrugadas assistindo televisão, comendo uma refeição requeitada em um aparelho de microondas que ficam meses e meses congeladas em um aparelho refrigerador. Todos esses aparelhos funcionam a partir da energia elétrica. Dessa maneira, não só a indústria aumentou sua capacidade material mas a humanidade como um todo aumentou sua demanda por produtos industrializados.

Essa capacidade industrial, ao mesmo tempo em que supre as necessidades de um mundo cada vez mais urbanizado, também é responsável por distanciar seus consumidores de seus produtores. Um cidadão urbano moderno encontra-se distante do processo de produção de seus bens de consumo e, comumente, nem sabe sua origem. Assim, a ciência e a produção industrial são campos do conhecimento distantes do senso comum da população consumidora. Os responsáveis pelo desenvolvimento e fabricação dos produtos consumidos estão inacessíveis à parcela consumidora que constitui maioria numérica na sociedade moderna. Enxergam os cientistas como pessoas distantes, como vemos neste anedótico

relato sobre a visita de cientistas ao sítio do desastre nuclear de Aleksiévitich (2016, p.63):

[...] um dia, um grupo de cientistas chegou de helicóptero. Com roupas especiais de borracha, botas altas e óculos de proteção. Cosmonautas. Uma velha aproximou-se de um deles: “Quem é você?”. “Sou cientista”. “Ah, cientista, é? Olhem como ele está disfarçado. Mascarado. E nós somos o que?” E correu com pau atrás dele. Mais de uma vez me passou pela cabeça que um dia os cientistas seriam caçados como se caçavam e queimavam médicos na Idade Média.

As formas de conhecimento válidas na modernidade são plurais. Dessa forma, a ciência perde o lugar privilegiado que ocupou desde sua consolidação. Apesar da ciência ter um papel relevante na minimização de desastres, a população civil tende a levar em conta formas de conhecimento não científicas que lhe são mais familiares e portanto “mais aplicáveis” (GIDDENS, 2010; FEYERABEND, 2016)

O mundo moderno apresenta situações indesejáveis e é sentido como um lugar repleto de perigos. Contradiz, dessa maneira, a ideia de que a modernidade e o avanço do sistema industrial levaria, indubitavelmente, a uma melhora na qualidade de vida e um incremento na segurança. Essa perda de confiança no progresso, como argumenta Giddens (2010), resulta em uma “dissolução das formas de narrar a história”.

2) Vozes de Chernobyl: um contra-relato da modernidade?

Vozes de Chernobyl se destaca, antes de tudo, pelo método que sua autora, Svetlana Aleksiévitich, relata a vida dos sobreviventes da explosão do reator nuclear da cidade ucraniana de Pripjat em 29 de abril de 1986. Aleksiévitich, jornalista de profissão, prefere buscar em outra disciplina a técnica com a qual formará “a história oral do desastre nuclear” (como diz o subtítulo da edição brasileira (2016)).

Ela recorre à montagem, técnica narrativa herdada do cinema. Assim, não há em *Vozes de Chernobyl* uma continuidade linear interna que nos dê alguma sensação de fechamento. Aleksievitch contrapõe vários relatos a fim de nos apresentar o mosaico de um mundo que já sabemos que foi perdido.

Há uma variedade caleidoscópica de pessoas, profissões, idades, homens e mulheres que têm em comum apenas o fato que de alguma maneira foram arrebatados pela falha do “reator do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Chernobyl, situado bem próximo à fronteira de Belarus” (Bielarúskaia Entsiklopédia, 1996 como citada em Aleksievitch, 2016). Mas uma experiência compartilhada do desastre não significa necessariamente uma relação ou uma atitude em comum frente a ele (Das, 2007). O método de montagem de Aleksievitch implica que haja quase nenhuma introdução ou contextualização histórica para os relatos que preenchem o livro, permitindo outras formas de narrar surgir - e, junto com elas, outras formas de viver. Como relata uma certa Kátia P., é algo que não se pode entender com razão” (Aleksievitch, 2016, p. 150).

Igualmente em “Vozes de Mariana”. Através da montagem de relato com relato, em que necessariamente a oposição e a ocultação de alguns detalhes constroem uma totalidade narrativa compreensível (Das, 2007), chega-se a algum lugar: a reconstrução, por menor que for, de modos de viver que se foram junto com a radiação, ou no nosso caso, com a lama.

Assim, não surpreende que os vídeos lançados na coleção “Vozes de Mariana” terminem citando outro livro de Svetlana Alesksievitch (2017), *O fim do homem soviético*, em que ela escreve, acerca do seu método:

Não faço perguntas sobre o socialismo, mas sobre o amor, o ciúme, a infância, a velhice. Sobre música, danças, penteados. Sobre os milhares de detalhes de uma vida que vai desaparecendo. Essa é a única maneira de enquadrar a catástrofe no contorno do cotidiano e de tentar contar alguma coisa. De compreender alguma coisa (ALEKSIÉVITCH, 2017,p.23).

Temos, portanto, uma boa indicação do método de Aleksievitch (2016), que nos ilumina “Vozes de Mariana”. Nas falas dos sobreviventes do rompimento, o detalhe minucioso da vida perdida – como palavras escritas numa antiga porta, lembramos um dos relatos de *Vozes de Chernobyl* (p. 67) – anuncia também, paradoxalmente, uma tragédia tão grande que “às vezes somente nos resignamos a afirmar, taciturnos, que simplesmente, algo ali aconteceu” (p. 159).

3) Uma análise etnográfica de “Vozes de Mariana”

“Pode me dar todo o dinheiro agora, não vou ser a Sandra. Não vou ser a Sandra que era.” Esta fala, retirada do relato de Sandra, nos parece ser uma boa pista para seguir e desenrolar a trama de significados entrelaçados e compostos que dá inteligibilidade aos relatos de “Vozes de Mariana”. Sandra se destaca porque seu relato é um dos mais torcidos entre o luto doloroso e a lembrança feliz. Nele, justapõem-se sequências serenas, em que Sandra fala da sua infância e do casarão de família que tinha herdado e do bar que ocupava alguns dos seus cômodos, com *close-ups* de seu rosto choroso e contorcido pela dor, em que lamenta ter sido expulsa da sua casa à força e de até então não ter tido justiça.

Seríamos ingênuos, entretanto, em desconsiderar a montagem como uma técnica própria do cinema e da narração, e portanto distante de uma análise sóbria e científica do relato⁶. De fato, as experiências de antropólogos visuais têm levantado suspeitas que a própria técnica cinematográfica é mais próxima da técnica etnográfica do que antes imaginávamos (Zoettl, 2011).

⁶ Como se sabe, há várias correntes que se esforçaram em pensar o cinema como meio artístico e científico privilegiado da análise da vida social – do cinema revolucionário de Vertov e Eisenstein ao cinema novo brasileiro, passando pelo realismo social italiano do pós-guerra e o cinema etnográfico de Flaherty e Rouch. Para além disso, Deleuze (1985) já perguntava nos anos 80 como que o cinema poderia ser um intercessor útil para a própria filosofia (Vasconcelos, 2005).

Mas sendo uma etnografia, sabemos que a arte da montagem faz parte de toda narrativa etnográfica, assim como dá força excepcional para Vozes de Chernobyl – se não constitui, de fato, seu principal método expositivo.

O relato de Sandra, tensionado e torcido tanto pela força narrativa dela quanto da montagem feita pelo *Estado de Minas*, evidencia um traço comum a todos os outros relatos: a íntima relação entre a alegria e o luto, o dito e o ocultado, o visível e opaco, o lembrado e o esquecido. Não é que tragédia e alegria convivam em paz, mas é que um habita o vulto do outro. No caso de Sandra, a memória de uma infância pacífica e bucólica é ressaltada e dramatizada pela memória da tragédia, ou talvez pelo próprio vazio formado pelo abandono da casa de família, da terra ancestral. Enfim, de uma forma de vida que não se sustenta debaixo do barro que soterrou o lote que Sandra comprara, cheio de mandioca e dos pés que um dia dariam o milho que ela tanto desejava comer – o milho do seu lote, sem depender de mais ninguém.

Temas religiosos também se destacam no sentido que os relatos buscam dar à tragédia. Dona Leontina, senhora idosa, é filmada falando dentro de uma igreja vazia. Leontina é intensamente religiosa, citando Deus, Maria e Jesus constantemente no seu relato. A última coisa que fala é: “Agora, meu filho, nós tamo [sic] aqui, agradecemos muito ao povo de Mariana, vivendo em doação. Quem tinha pra dar agora tá [sic] recebendo.” A última frase de Leontina é potente. *Quem tinha pra dar agora tá recebendo*: a justiça divina, que ordena que os ricos e poderosos sejam reduzidos à humildade dos pobres, é um tema recorrente na tradição cristã.

Mas mesmo diante das garantias oferecidas pelos perpetradores dos crimes, os narradores também duvidam, e aquilo que deveria ser afirmado como fechado e passado fica em aberto. Pela sua fala, esperamos que o relato de Tenente Farah, presente também nos relatos de Vozes de Mariana, acabasse com nota positiva. Talvez seja um ato falho que explique as próximas palavras, que parecem desmentir a conclusão da sua frase: “Então, as pessoas, por mais que perderam tudo, perderam além dos bens materiais, elas perderam as histórias delas.” O que significa

alguém perder suas histórias – algo que Farah reconhece como uma perda muito maior do que a material? Outro axioma central da cosmovisão ocidental é de que o ser humano é o único animal a possuir uma história de si mesmo. Então qual o espaço para o humano quando ele perde sua história?

Há algo que não pode ser dito na rememoração de uma tragédia (Das, 2007; Seligmann-Silva & Nestrovski, 2000). O indizível ou o inominável perpassam todos nossos relatos, mas há um em específico em que o que não pode ser dito ou não pode ser nomeado vem incontornavelmente à tona. A narrativa sobre o ocorrido parece bater num muro, onde a resignação e o desânimo impedem que a história tenha uma conclusão catártica. Neles, não há resolução.

“Acabou com minha vida.” É assim, então, que Geraldo, pequeno agricultor e motorista escolar no distrito de Bento Rodrigues, começa e termina seu relato. O rompimento da barragem da Samarco de certa forma encerra a vida de Geraldo. Claro, ele não morre fisicamente, mas certamente algo falece quando alguém somente tem a dizer: “acabou com minha vida”. Não que isso reduza Geraldo a uma vítima sem agência mas talvez limite muito a nossa capacidade de entendê-lo; a expressão “acabou com minha vida” cria barreiras entre o emissor e o receptor da mensagem.

Se a frase começa e termina seu relato, é como o encapsulamento do que pode ser dito (a narrativa do que ocorreu no dia, a comparação superficial da experiência com outros), junto com o que não pode ou deve ser dito (os detalhes de uma vida nova que não ousa se comparar àquela que antecedeu à tragédia). Geraldo conhecia quatro pessoas que morreram naquele dia, duas das quais eram crianças. Apesar disso, avalia que a obra de Deus foi justa, porque “se fosse de noite, não ficava ninguém”. Aqui, a morte é o abandono espacial: os corpos permanecem, mas as vidas simplesmente vão para outro lugar.

“Fui usada por Deus.” Assim começa o relato de Paula. Também moradora do distrito de Bento Rodrigues, Paula foi uma das poucas sobreviventes a ser abençoada pelo holofote da mídia. Entrevistada no programa Domingo Legal do apresentador Celso

Portioli, foi apresentada ao país como uma das heroínas “ocultas”, parte desconhecida do contingente de pessoas que acudiram aos outros no momento da tragédia de Mariana. No dia final do crime da barragem, Mariana saiu na sua moto gritando pelas ruas que a barragem tinha rompido. Ao chegar a um ponto alto do distrito, consegue vislumbrar a escala do desastre: olha para trás e percebe “que não tinha mais Bento, não”.

O relato de Paula toma uma estrutura circular. Ela começa falando dos detalhes que faziam sua casa ser uma “casa diferente”: da sua cerca de bambu, dos pneus que sua mãe tinha reutilizado para plantar flores, da escada de pedra que levava à porta. Se compararmos com outros relatos, é claro que é necessário marcar um local e um tempo que antecede a tragédia: uma casa, um cotidiano, uma rotina que agora lembra a paz e a ordem no meio do exílio e da incerteza. Mas estes lugares e tempos são preenchidos pelos movimentos de pessoas também; sabemos que o orgulho que ela tinha da sua casa era dela ser um lugar onde havia vida compartilhada. De vez em quando, passavam pessoas pela casa e perguntavam se era um bar e Paula respondia que era de fato casa de gente mesmo. Contido nessa pequena historinha, a pequena felicidade de se saber que a família era, do seu jeito, autossuficiente, forte frente ao mundo: sua normalidade cotidiana, o ir e vir dos irmãos e familiares, tudo isso possuía mais vida do que um bar poderia sonhar em ter.

E aí, quando Paula termina seu relato, fala de novo da casa. É perguntada o que faria com os 20 mil reais que tinha ganhado da equipe do Domingo Legal. Responde que juntaria esse dinheiro e que com ele buscaria construir pelo menos “dois cômodos” no terreiro do seu antigo domicílio, onde morariam ela e seus dois filhos. É seu sonho, diz ela.

Paula não parece temer o futuro. De qualquer modo, é curioso que ela expresse seu desejo de reconstruir sua casa como um sonho; normalmente se usa essa expressão para falar de algo que não foi realizado nem no passado e nem no presente. Diferente, portanto, que o sonho de Paula seja retomar o fio que foi quebrado pela catástrofe. Se ela conseguir a casa nova, talvez não seja igual

à destruída. Mas ao rememorar, planeja também, e ao sonhar, preenche esse espaço oco da felicidade comedida que antes definia sua vida.

Conclusão

Desastres ambientais, como aquele causado pelo rompimento da barragem da Samarco no município mineiro de Mariana em 2015, são processos que parecem fazer convergir os estudos sobre a ciência e a sociologia das memórias e dos relatos. Por um lado, aqui se cristalizam e concretizam os efeitos materiais e discursivos da ciência, seja nas causas atribuídas ao erro humano ou natural ao passo que se tratam de crimes ambientais que ocorrem em um processo, e não um evento isolado. Pelo outro, à medida que sujeitos e populações se embrenham em uma gestão privada, frequentemente distante e anônima, ou pública dos danos subsequentes, levantam e propõem narrativas que oferecem outra visão da catástrofe em relação às narrativas construídas pelas empresas responsáveis.

Para o cientista social, é necessária uma abordagem específica e interdisciplinar para compreender este local de encontro que frequentemente pode ser doloroso, conflitante ou confuso.

Foi com esta atitude que tentamos aqui dar sentido aos relatos colhidos e publicados pelo jornal belo-horizontino *Estado de Minas* numa coleção chamada “Vozes de Mariana”, numa explícita alusão a *Vozes de Chernobyl*, livro seminal da jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch em que se reúnem relatos de sobreviventes do colapso da usina nuclear da cidade homônima em 1986.

A ligação entre os dois conjuntos de relatos, como argumentamos, não é sem sentido. Tratou-se de voltar a uma determinada concepção metodológica ao nosso ver, a de montagem, pela qual a contraposição e a justaposição são utilizadas para dar a forma de um mosaico a uma série de informações que não encontrariam a mesma estrutura se ordenadas linearmente em uma tabela.

Há, como mostra cabalmente *Vozes de Chernobyl*, outra maneira de falar da catástrofe (inclusive falando também de injustiças), que é por via do detalhe, da minúcia e da rememoração de aspectos de um mundo perdido que, de primeira vista, poderia parecer irrelevante à questão principal (o que é dito da catástrofe). Tentamos compreender os relatos de “*Vozes de Mariana*” à luz de uma suposição semelhante, a de que nem sempre a rememoração de uma tragédia ou catástrofe é feita através da comunicação explícita. Em outras palavras, as pessoas não precisam falar somente da catástrofe para que se perceba uma rede de significados que é mobilizada para fazer sentido dela e de suas consequências.

Achamos importante, portanto, contrastar as narrativas de *Chernobyl* e *Mariana* com as formas dominantes de saber científico que caracterizam a modernidade, como foram expostas na primeira parte do artigo. Na sociologia de Giddens e Beck, para além de bálsamo tecnológico, a modernidade surge como uma névoa confusa, em que cada pessoa deve dar sentido a um mundo que parece escapar da sua interpretação, mesmo a mais obstinada (Giddens, 2016).

Não se trata de ressuscitar a velha oposição entre o indivíduo e a tecnologia, mas de explorar também as complexas formas pelas quais indivíduos e grupos fazem sentido das suas vidas nos mundos arrasados pós-*Chernobyl* ou pós-*Mariana*. De fato, em situações extremas como essas, “pessoas leigas” são por vezes obrigadas a desenvolver discursos que se apropriem das expertises científicas. Neste caso, a etnografia de Adriana Petryna (2013) dos sobreviventes de *Chernobyl*, destaca-se pela lucidez com a qual ela desenvolve o conceito de “cidadania biológica” (*biological citizenship*), mostrando como camponeses e operários apropriam-se da radiologia e da biotecnologia para demandarem reparações e direitos frente ao Estado ucraniano pós-soviético (Petryna, 2013).

Trabalhos como o de Petryna (2013) sugerem-nos possíveis caminhos para os estudos do relato que deem conta de apreender os contornos da tragédia no seu sentido mais humano e que, ao mesmo tempo, não ignorem as formulações discursivas que

antecedem e procedem os desastres tecnológicos advindos de crimes.

Como apontamos no começo desta conclusão, são nestes eventos que estas duas áreas convergem, abrindo uma oportunidade ampla para uma variedade de cientistas sociais – estudiosos da ciência, antropólogos do poder e sociólogos da memória e da literatura. Talvez a constelação de discursos, práticas e reivindicações que caracterizam os eventos catastróficos encontre sua razão de ser não na sua tristeza e morbidez, mas justamente no fato que é nela que as pessoas são obrigadas a reinventar suas vidas - e, voltando ao começo do artigo, de fato, o que não há de mais sociológico ou antropológico do que a vida? (Pina-Cabral, 2018). Esperamos que os próximos estudos sobre desastres, sejam naturais, artificiais ou que se encontrem no interstício destes dois mundos, tomem para si o conselho de um dos sobreviventes de Mariana, e “sejam capazes de encontrar nova razão de ser na tenacidade da vida humana”.

Referências

- ABREU, I. D; FORLENZA, O. V; BARROS, H. L. de. (2005). Demência de Alzheimer: correlação entre memória e autonomia. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 32, n. 3, p. 131–136.
- ALEKSIÉVITCH, S. (2017). **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras.
- ALEKSIÉVITCH, S. (2016). **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BECK, U. (1992) **Risk Society: towards a new modernity**. Thousand Oaks: Sage.
- BOURDIEU, P. (2008) **Para uma Sociologia da Ciência**. São Paulo: Edição 70.
- BOURDIEU, P. (2004). **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp.

COLLINS, H; EVANS, R. (2016). **Repensando a Expertise**. Belo Horizonte: Fabrefactum. Tradução de Igor Antonio Lourenço da Silva.

DAS, V. (2007). **Life and Words: violence and the descent into the ordinary**. Berkeley: University of California Press.

DELEUZE, G. (1985). **Cinema 1. A imagem-movimento**. (S. Senra, Trad.). São Paulo: Brasiliense.

DANOWSKI, D., & VIVEIROS DE CASTRO, E. (2014). **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental.

Estado de Minas (sem data). Vozes de Mariana. Disponível em: <https://www.em.com.br/vozes-de-mariana/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

FASSIN, D. (2014). The Parallel Lives of Anthropology and Philosophy. In V. Das, M. Jackson, A. Kleinman, & B. Singh (Eds.), **The ground between: anthropologists engage philosophy** (pp. 50-70). London: Duke University Press.

FASSIN, D. (2016). The Value of Life and the Worth of Lives. In V. Das, & C. Han (Eds.), **Living and dying in the contemporary world: a compendium** (pp. 770-783). Berkeley: University of California Press.

FEYERABEND, P. K. **Ciência, um Monstro: lições trentinas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIDDENS, A. (1991). **Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age**. Cambridge: Polity Press.

GIDDENS, A. (2010). **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução: Vera Ribeiro.

LATOURE, B. (1991). **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 4 edição. Sao Paulo: Editora 34 Ltda.,

LE GOFF, J. **História e memória**. 7ed. Campinas, Brasil: Editora Unicamp, 2013

- PETRYNA, A. (2013). **Life Exposed: Biological Citizens after Chernobyl**. Princeton: Princeton University Press.
- PINA-CABRAL, J. (2018). Turning to Life. A comment. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, 8(30), 522-529. doi:10.1086/701115.
- RICOEUR, P. (2007). **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora UNICAMP.
- VASCONCELLOS, J. (2005). A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educação & Sociedade**, 26(93), 1217-1227.
- VIRILIO, P. (2008). **Pure War: Twenty-Five Years Later**. (M. Polizzotti, Trans.). Los Angeles: Semiotext(e).
- ZOETTL, P. A. (2011). Aprender cinema, aprender antropologia. **Etnográfica**, 15(1), 185-198.